



EM DEFESA DE UM PENSAMENTO INFORMACIONAL IBERO-AMERICANO

Carlos Alberto Ávila Araújo

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que vem sendo conduzida a respeito de um possível pensamento informacional ibero-americano. A discussão aqui empreendida apresenta-se em três partes. Na primeira, identifica-se a realidade ibero-americana, bem como os esforços institucionais e teóricos de produção em ciência da informação desta região. A seguir, apresenta-se a realidade geral do campo da ciência da informação no mundo. Por fim, são identificadas algumas questões contemporâneas no campo informacional, que constituem verdadeiros desafios para a área. Conclui-se que está desenhada a oportunidade para a construção, por parte dos países da Ibero-América, de uma ciência da informação alternativa à construção hegemônica anglo-saxã sensível aos avanços teóricos e também empíricos no campo informacional.

Palavras-chave: Epistemologia da ciência da informação. História da ciência da informação. Ibero-América. Pensamento informacional.

1. INTRODUÇÃO

“La interpretación de nuestra realidad con esquemas ajenos sólo contribuye a hacernos cada vez más desconocidos, cada vez menos libres, cada vez más solitarios”. Essa frase de Gabriel García Márquez é um excelente ponto de partida para se pensar no sentido que faz identificar um pensamento informacional ibero-americano. Afinal, faz sentido propor um pensamento específico em ciência da informação da Ibero-América? Por que ele simplesmente não pode se somar à ciência da informação praticada no mundo? Qual o objetivo de se promover uma reivindicação de alteridade, de especificidade?

Dentro do próprio conhecimento científico, em diversos momentos, movimentos e propostas de uma alteridade, uma especificidade, foram propostos como forma de se propor questionamentos aos pensamentos estabelecidos, colocar em dúvida modelos hegemônicos, subverter ordens, promover deslocamentos. Os estudos culturais, em sua crítica ao elitismo cultural; o feminismo, em sua crítica ao patriarcado e à naturalização biológica dos gêneros; o pensamento negro e seu questionamento das ideias de raça e etnia; e o pensamento decolonialista e sua reinterpretação da história são alguns exemplos de tradições de pensamento que consistem em escritas de resistência, de rupturas epistemológicas.

É a partir desse quadro que devemos pensar em uma proposta de uma ciência da informação ibero-americana e, voltando à ideia de García Márquez, de se pensar também em quais seriam os marcadores de tal reivindicação.

A ciência da informação é uma disciplina científica que nasceu na década de 1960 e hoje está institucionalizada em vários países de todo o mundo, de todos os continentes. Ela possui manifestações muito distintas de acordo com o país em que as pesquisas são produzidas. Contudo, os manuais e tratados de ciência da informação com maior visibilidade internacional costumam apresentar o campo a partir de fatos, conceitos, teorias e instituições apenas dos Estados Unidos, algumas vezes incluindo a Inglaterra e eventualmente outros países europeus (RUBIN, 1998; BAWDEN; ROBINSON, 2012; STOCK; STOCK, 2013). A pesquisa produzida e publicada em outras regiões do mundo normalmente não é apresentada nestes manuais e tem pouca visibilidade no cenário internacional.

Enquadra-se, nessa situação, a pesquisa originada nos países de língua espanhola e portuguesa que constituem a Ibero-América (GORBEA PORTAL, 2000; MOYA ANEGON; HERRERO SOLANA, 2002). Tal fato acontece por vários motivos, entre os quais se destacam a diferença de recursos e infraestrutura em ciência e tecnologia dos diferentes países; a sobrevalorização de determinados idiomas em detrimento de outros em termos de circulação, leitura e citação; a cobertura das bases de dados internacionais; entre outros. A pesquisa ibero-americana, contudo, tem uma história e uma produção significativas, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Essa produção fundamenta-se, em parte, nas teorias da tradição hegemônica anglo-saxã; mas também mostra-se, em certos momentos, criativa e inovadora, construída a partir de problemas específicos e modelos teóricos próprios (LIBERATORE, 2006; HERNANDEZ QUINTANA, 2007).

2. A REALIDADE DA IBERO-AMÉRICA

Ibero-América é um termo utilizado para designar os países da Europa e da América que possuem o espanhol ou o português como idiomas predominantes. A expressão possui uma dimensão sociocultural e uma dimensão geopolítica. No plano sociocultural, ela se refere a determinados vínculos de caráter histórico, um passado comum e diversos processos e fenômenos vividos em comum ao longo de séculos, o que acabou também por entrelaçar a identidade e a cultura desses países, formando um território com uma história e uma cultura compartilhadas (GARCÍA CANCLINI, 2003; BLAS ZABALETA, 2000; LOPRETE, 2000). Ao mesmo tempo, existe uma dimensão geopolítica, na medida em que os países que compõem essa região possuem uma série de interesses estratégicos em nível político e econômico, bem como uma série de demandas relacionadas à maneira como essas questões são discutidas e decididas em âmbito global (RAMOS; WINTER, 2007; FERRER, 1971). Nesse sentido merecem destaque iniciativas como a Conferência Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo, que promove reuniões anuais desde 1991 com objetivo de desenvolver ações de cooperação entre os 22 países membros, e a

Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), fundada em 1949, que também tem como objetivo promover ações de cooperação.

Além das dimensões histórica, cultural, política e econômica, existe também uma dimensão científica. Existem hoje debates e discussões sobre os modos de produção, divulgação e avaliação da atividade científica, e uma das questões que se destacam é a da maneira como as diferentes partes do planeta atuam, se beneficiam e/ou são prejudicadas pelas práticas e protocolos atualmente existentes. Assim, também no campo científico pode-se identificar um núcleo de interesses e demandas relacionadas à Ibero-América.

Na ciência da informação, já existe há alguns anos um interesse institucional em relação a isso (BARBER, 2004). A primeira iniciativa se deu com a realização do *Encuentro de Educadores Latinoamericanos de Bibliotecología y Ciencia de la Información*, em 1993, em Porto Rico, com representantes de quinze países. O objetivo do encontro foi pensar em estratégias de ensino em biblioteconomia e ciência da informação, com ênfase em ações de educação a distância. Em 1995 houve, no México, a *II Reunión de Investigadores y Educadores de Iberoamérica y del Caribe en el área de Bibliotecología y Ciencia de la Información*. A expressão “Ibero-América” foi incorporada ao nome da reunião, e os interesses se voltaram também para atividades de cooperação e acordos no âmbito da pós-graduação e da pesquisa. No ano seguinte, realizou-se o *III Encuentro de Educadores e Investigadores de Bibliotecología, Archivología y Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe*, em Porto Rico. Neste encontro se formalizou a instituição do EDIBCIC – *Asociación de Educación e Investigación en Bibliotecología, Archivología, Ciencia de la Información y Documentación de Iberoamérica y el Caribe*. Foi redigida a ata constitutiva da associação e eleito seu primeiro conselho executivo. Desde então, a associação organizou nove encontros. No encontro de 2008, no México, realizou-se uma mudança estrutural no estatuto da associação e promoveu-se a mudança de nome, para EDICIC - *Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe*, nome atual. O último encontro ocorreu em 2016 na Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, e o próximo já confirmado para outubro de 2018 na Universidad de Antioquia em Medellín, Colômbia. Paralelamente, começaram a acontecer, desde 2005, os encontros ibéricos, organizados pelo capítulo ibérico do EDICIC. Já ocorreram oito encontros, estando o próximo definido para 2019 na Universidad de Barcelona, na Espanha.

Entre os principais saldos da atuação da associação está a concretização dos encontros (gerais e ibéricos), que proporcionaram a consolidação de um espaço científico internacional, hispano-lusófono, para a apresentação e discussão de resultados de pesquisas científicas; o incremento da visibilidade da pesquisa ibero-americana para os países da própria região; o estabelecimento de diversas parcerias entre universidades dos países que a compõem – desde projetos de pesquisa comuns como atividades de orientação e coorientação de investigações de doutorado e pós-doutorado. Acima de tudo, existe também

um interesse em, respeitando a diversidade que compõem a região, buscar também pontos comuns que permitam a identificação de um possível “pensamento informacional ibero-americano”.

Em relação à identificação do conteúdo e das tendências gerais de pesquisa na Ibero-América, existem alguns estudos sobre a pesquisa em ciência da informação realizada nos países da região. Normalmente, contudo, são abordagens bibliométricas que mapeiam autores mais produtivos, índices de citações, temáticas pesquisadas (SÁNCHEZ PERDOMO et al, 2017; MENÉNDEZ ECHEVARRÍ et al, 2015; HERRERO SOLANA; LIBERATORE, 2008; LICEA DE ARENAS et al, 2000) ou, então, estudos que realizam diagnósticos sobre as situações institucionais dos países da região (HERNANDEZ SALAZAR, 2006) ou mesmo estudos de natureza biográfica sobre autores de referência (MORALES CAMPOS, 2006). Em termos das temáticas estudadas, um estudo preliminar apontou, com maior volume de trabalhos na pesquisa ibero-americana, temas relacionados à epistemologia da ciência da informação, manuais de biblioteconomia, papel social das bibliotecas, tipos de bibliotecas, características do profissional da informação, alfabetização informacional, representação do conhecimento, bibliometria, gestão da informação, estudos de usuários, tecnologias da informação, arquivologia e museologia (ARAÚJO, 2018).

É uma tarefa difícil, e ainda por fazer, a identificação da produção científica em ciência da informação desenvolvida nos 22 países que compõem a Ibero-América. Em 2008, foi concluída uma pesquisa, intitulada *Potencialidades de investigación y docencia iberoamericanas en Ciencias Bibliotecológica y de la Información*, desenvolvida por professores de sete países da região, cujos resultados foram apresentados no *I Seminario Potencialidades de investigación y docencia iberoamericanas en ciencias bibliotecológica y de la información* (GORBEA PORTAL, 2000). Entre seus resultados, constatou-se a existência de 147 escolas com ensino superior na área (das quais 120 ativas) e 312 periódicos científicos. Desde então, não houve um novo levantamento exaustivo. No site do EDICIC estão listadas 91 escolas, que são aquelas atualmente filiadas à instituição, mas que não correspondem a todo o universo. Assim, é necessário um novo mapeamento das ofertas de cursos de graduação e de pós-graduação em ciência da informação na Ibero-América, identificando cursos existentes, novos e desativados.

A grande quantidade de escolas existentes na Ibero-América indica uma imensa diversidade de perspectivas. Mesmo dentro de cada país, existe uma grande diversidade (RENDON ROJAS, 2013). Ainda assim, é possível identificar algumas tendências identitárias na ciência da informação da Ibero-América - sobretudo por países. A seguir são apresentadas, de maneira muito simplificada e genérica, algumas dessas tendências.

Começando pela Europa, na Espanha há uma das maiores infraestruturas da região, com 16 cursos de graduação e uma oferta diversa de doutorado, em alguns casos em conjunto com a área de comunicação. A ciência da informação espanhola possui uma reconhecida tradição de ligação com a área de documentação (LÓPEZ YEPES; OSUNA ALARCÓN, 2011), havendo, nos últimos anos, uma grande

mudança a partir da adesão do país ao Espaço Europeu de Educação Superior (FRÍAS, 2008). O país possui tradição de pesquisa sobretudo em estudos métricos, metodologia de pesquisa, biblioteconomia e arquivologia (SANZ CASADO; LASCURAIN SÁNCHEZ, 2010). Em Portugal, existe formação universitária na área desde o início do século, com o curso de “bibliotecário-arquivista”, passando a existir, na década de 1980, uma série de cursos em “ciências documentais” e, desde o início do século XXI, cursos de graduação, mestrado e doutorado em ciência da informação, numa perspectiva bastante relacionada à gestão da informação e às tecnologias (RIBEIRO, 2010; PINTO, 2008).

No México, existe a formação universitária em cinco instituições, com oferta de doutorado, e a pesquisa do país na área se destaca sobretudo pela atuação do IIBI, o *Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información*, que nas últimas décadas organizou e sediou diversos eventos em âmbito latino e ibero-americano. A pesquisa mexicana possui grande predominância das questões biblioteconômicas, bem como estudos sobre leitura, epistemologia, usuários, serviços e tecnologias da informação (RÍOS ORTEGA; RAMÍREZ VELÁSQUEZ, 2015; ALFARO LÓPEZ, 2010). Em Cuba, há uma liderança da *Universidad de la Habana*, que também oferece doutorado, e uma pesquisa singular no contexto ibero-americano por sua aproximação com a experiência soviética (LINARES COLUMBIÉ; ROMERO QUESADA.; FERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2016; ZOIA RIVERA, 2016). Na Colômbia, existem quatro escolas, duas com mestrado, e há uma forte tradição de pesquisa em bibliotecas públicas e fundamentos da biblioteconomia, vindo a se somar nos últimos anos também uma preocupação com questões relativas à arquivologia e a integração de ambas na ciência da informação (JARAMILLO; SALAZAR ÁLVARES; MERCADO, 2017; MANCIPE FLECHAS; LUKOMSKI, 2009). No Uruguai, há apenas uma escola com estudos na área, onde há uma graduação em arquivologia e outra em biblioteconomia e um mestrado em informação e comunicação. A pesquisa relaciona-se a diversos aspectos sobre bibliotecas, arquivos, direitos humanos, políticas e também em interrelação com o campo da comunicação (SABELLI, 2008). Na Argentina, há sete escolas que oferecem a graduação na área e também há oferta de mestrado. Entre as tradições de pesquisa mais consolidadas estão os estudos em informação científica, bibliometria, bibliotecas e sociedade da informação (LIBERATORE, 2011). Há ainda o Brasil, que entre todos os países da região possui a maior infra-estrutura em termos de cursos de graduação (37 cursos de biblioteconomia, além de 16 de arquivologia e 15 de museologia, alguns dos quais em diálogo com a ciência da informação). É, contudo, na pós-graduação, com diversos programas de mestrado e doutorado, que se verifica o potencial de pesquisa, orientada principalmente para as temáticas de organização do conhecimento, gestão da informação e transferência da informação, em diálogo tanto com perspectivas dos Estados Unidos como da Europa (SOUZA; STUMPF, 2009; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000; MARTELETO, 2009). Outros países da Ibero-América, como Costa Rica (CÓRDOBA GONZÁLEZ, 2010) e Venezuela (PIRELA MORILLO, 2010) também possuem um volume de pesquisa significativo.

3. O QUADRO GERAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O quadro epistemológico geral do campo da ciência da informação costuma ser apresentado em termos de uma lógica de identificação dos os fatores que levaram ao seu surgimento, sua consolidação na década de 1960 em torno de um determinado conceito de informação, a ampliação das problemáticas nas décadas seguintes, chegando-se às teorias contemporâneas que enxergam/analisa(m) outras dimensões dos fenômenos informacionais (ARAÚJO, 2018b). Esse quadro é apresentado a seguir, a partir da contribuição de autores de diferentes países que, apesar de suas diferenças, concordam em apontar a existência de três grandes modelos de estudo na ciência da informação ao longo da sua existência (SARACEVIC, 1999; ØROM, 2000; FERNÁNDEZ-MOLINA; MOYA-ANEGÓN, 2002; SILVA; RIBEIRO, 2002; CAPURRO, 2003; LINARES COLUMBIÉ, 2005; SALAÜN; ARSENAULT, 2009; DÍAZ NAFRÍA, 2010).

A ciência da informação surgiu na década de 1960 como resultado de alguns fatores ocorridos nas décadas anteriores, tais como a criação da disciplina da documentação e sua perspectiva “pós-custodial”, o desenvolvimento da biblioteconomia especializada com a sofisticação do processamento técnico dos documentos, a percepção da dimensão estratégica da informação científica e tecnológica e o surgimento das tecnologias digitais. Com isso, ela encontrou condições de surgimento sobretudo nos Estados Unidos, na Inglaterra e na União Soviética (SHERA; CLEVELAND, 1977; RAYWARD, 1983; BUCKLAND; LIU, 1998; MIKHAILOV; CHERNYI; GILYAREVSKII, 1973).

Da confluência destes fatores nasceu o campo, que teve em seu início, como fundamentação, a Teoria Matemática da Comunicação de Shannon e Weaver e a Teoria Sistêmica. A partir de ambas, consolidou-se uma determinada compreensão do fenômeno informacional numa lógica transmissiva (envolvida com a problemática do transporte, da transferência), matemática (como probabilidade, dando centralidade à noção de “recuperação da informação”) e sistêmica – com a identificação dos elementos do processo informacional e do inter-relacionamento deles em mecanismos de entrada (documentos), processamento (tratamento/recuperação) e saída (busca pelos usuários). A informação como objeto de estudo era estudada desde uma perspectiva fisicista, como algo objetivo, dotado de propriedades identificáveis e sujeita à atuação de forças que governariam seu fluxo (como numa “mecânica da informação”). Tal modelo consolidou-se nas décadas de 1960 e 1970 sobretudo em estudos de recuperação da informação, estudos métricos, estudos de uso e gestão de recursos informacionais (SARACEVIC, 1970).

Nas décadas de 1980 e 1990 a ciência da informação viveu um período de ampliação das problemáticas. Nesse período se verificaram quatro diferentes questões. A primeira delas foram as suas manifestações em diversos outros países além dos três países iniciais, o que também levou à formulação de teorias, conceitos e métodos distintos. Entre os casos mais conhecidos e estudados estão as *sciences de l'information et de la communication* da França (DACHEUX, 2009), os *information studies* do Canadá (SALAÜN; ARSENAULT, 2009), a *informationswissenschaft* da Alemanha (WERSIG, 1980) e a *library and information science* dos países nórdicos (ASTRÖM, 2008). A segunda questão diz respeito

às diversas tentativas de caracterização da ciência da informação - como uma ciência pós-moderna, como campo interdisciplinar e como uma ciência social. Todas as três perspectivas são anti-positivistas e, por isso, foram fundamentais para conduzir a ciência da informação na busca por modelos menos mecanicistas e mais atentos à complexidade dos fenômenos estudados.

A terceira questão foi o desenvolvimento, no escopo da ciência da informação, de distintas subáreas ou campos específicos de estudo, tais como a gestão da informação, a organização da informação, os estudos de usuários, a economia política da informação, os estudos métricos e os estudos em comunicação científica. Cada uma voltou-se para aspectos particulares da informação e gerou resultados diversos, tais como a descoberta dos “colégios invisíveis”, a tensão entre o “conhecimento tácito” e o “conhecimento explícito”, a imbricação entre as “classificações sociais” e as “classificações bibliográficas”, entre outras.

Por fim, houve ainda uma reestruturação do próprio objeto de estudo da área, que começou ainda no final da década de 1970, a partir de uma “virada cognitiva”, fundamentada na teoria do conhecimento objetivo de Popper e expressa na “equação fundamental” de Brookes. Tal proposta trouxe uma nova estrutura conceitual para o campo, em torno da articulação dos conceitos de dado, informação e conhecimento, isto é, a informação entendida como o produto da interação entre os dados (dimensão objetiva) e o conhecimento (dimensão subjetiva). A uma compreensão da informação como algo objetivo, apresentou-se uma compreensão como algo subjetivo. Articularam-se ao estudo da informação conceitos como lacuna, necessidade, estratégias de busca, uso, processamento da informação. Ao mesmo tempo, constata-se a continuidade de certos aspectos básicos do modelo anterior, tais como a lógica transmissiva, unidirecional, sistêmica e instrumental dos estudos. Essa nova forma de se estudar a informação manifestou-se nas distintas subáreas do campo que foram se estruturando ao longo dos anos, como apontado acima, sobretudo com a adoção do termo “conhecimento” em algumas nomenclaturas – como em *knowledge organization* e em gestão da informação e do conhecimento.

A partir do início do século XXI, contudo, as pesquisas no campo da ciência da informação foram se realizando e diversos achados de pesquisa e elaborações teóricas acabaram por promover uma série de mudanças na própria compreensão dos fenômenos informacionais. É possível identificar pelo menos seis dimensões fundamentais em que se pode verificar essas mudanças. A primeira delas tem a ver com o conceito de “conhecimento” usado nos estudos, e a percepção cada vez mais clara nas pesquisas de que o conhecimento não é apenas cumulativo, um somatório de dados, como apresentado na equação de Brookes. Diversos autores demonstraram que o processo de conhecer é dialético, envolvendo um tensionamento entre o sujeito e o real, relacionando-se processos de acomodação e assimilação, codificação/decodificação, apropriação e imaginação. Uma segunda mudança diz respeito à compreensão dos sujeitos, que deixaram de ser entendidos apenas como seres “mentalistas”, vivendo num mundo numênico, como se fossem apenas “cérebros” processadores de dados. Nas pesquisas contemporâneas em ciência da informação, os sujeitos são compreendidos como seres que agem no

mundo, interferem, desenvolvem distintas linhas de ação, tal como configurado pela noção de “práxis”. Uma terceira mudança diz respeito à verificação de que o fenômeno informacional não é apenas individual, ele não se passa somente entre o indivíduo e os dados. Ele é coletivo, é de natureza intersubjetiva, da ordem das interações, assim como as demais ações e “existências” dos sujeitos. Uma quarta mudança relaciona-se com as ações dos sujeitos. As perspectivas mais recentes têm enfatizado que os indivíduos não apenas buscam informações (como enfatizado na centralidade da ideia de recuperação da informação dos anos 1960), mas eles também desempenham outras ações, eles criam conteúdos, compartilham, rejeitam informações, as reinterpretam ou modificam. Há uma quinta mudança, relacionada com a constatação de que a informação não é apenas um processo de transporte de dados, mas sim um processo por meio do qual a cultura e a memória coletiva (a “realidade” percebida pelos sujeitos) são construídas, bem como as identidades e linhas de ação dos sujeitos. Uma última descoberta das pesquisas é a ideia de que a informação não é algo que se passa apenas no interior de um sistema (dos seus mecanismos de entrada e saída), ela está imbricada a um contexto, ela é da ordem da contingência - ela precisa, necessariamente ser analisada em seus vínculos com as dimensões social, cultural, política e econômica.

Esses aspectos relacionados à compreensão dos fenômenos informacionais vêm sendo desenvolvidos na área sobretudo a partir de finais da década de 1990 (CAPURRO; HJORLAND, 2003; CRONIN, 2008; CAPURRO, 2014) e, embora não tenham conduzido a um novo modelo geral de estudos da informação, a substituir aquele dos anos 1960, evidenciam, cada vez mais, o caráter complexo dos fenômenos informacionais, apontando para certo esgotamento tanto do modelo explicativo fisicista hegemônico quanto de sua continuidade via modelo cognitivo. Tais compreensões da informação vêm sendo desenvolvidas por diversas teorias tais como a análise de domínio, as folksonomias, os estudos em cultura organizacional, orientação informacional, altmetria, humanidades digitais, curadoria digital, arqueologia da sociedade da informação, práticas informacionais, ética intercultural da informação, regimes de informação, estudos em memória e informação e as perspectivas que têm defendido uma aproximação com a arquivologia, a biblioteconomia e a museologia. Em Araújo (2017) há um mapeamento destas teorias e de como se manifestam, nelas, aspectos da concepção contemporânea de informação (ou de como elas contribuíram para a superação do modelo tradicional).

Assim, é possível dizer que a história da ciência da informação relaciona-se com a consolidação de um modelo fisicista nas décadas de 1960 e 1970, sua ampliação por meio de um modelo cognitivista (entre outros fatores) nas décadas de 1980 e 1990 e as tendências recentes desenvolvidas no século XXI em torno de perspectivas socioculturais e pragmatistas. Ressalte-se que os modelos anteriores não deixam de existir, mas passa a haver uma convivência entre distintos modos de se estudar a informação, com perspectivas atuais fundadas na perspectiva física (FLORIDI, 2011) e cognitivas (ZINS, 2011).

4. UM CRUZAMENTO DAS QUESTÕES E O MOMENTO CONTEMPORÂNEO

Novos fenômenos e novos desafios se colocaram para a ciência da informação desde o final do século XX. O advento dos computadores e da internet propiciou um acesso extremamente amplo a todo tipo de documentos e registros de conhecimento, do passado e do presente, de todos os lugares do mundo, em tempo real, a partir de diversos dispositivos, inclusive móveis. Ainda assim, uma parte da população mundial segue apartada desse acesso, e incluir essas pessoas segue sendo um problema econômico e, também informacional.

Existe ainda uma outra questão que se soma a essa. Diversos estudos têm evidenciado que a internet é movida por forças comerciais e controlada segundo as grandes dimensões geopolíticas internacionais. Há páginas e conteúdos daqueles que possuem maior poder econômico e que conseguem assim mais visibilidade e poder de serem recuperadas pelos indivíduos em suas buscas. Há idiomas que são privilegiados e outros silenciados. Diante de uma realidade de concentração de poder e de exclusão (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2008; MASSIAH, 2012), é preciso que existam serviços e atores que promovam a diversidade, a pluralidade de fontes de informação, que estejam além dos interesses comerciais (ALLIER MONTAÑO, 2010; VIRNO, 2016; ADICHIE, 2018). Aí reside mais uma preocupação para o campo da ciência da informação: a informação se relaciona diretamente com a esfera pública contemporânea, como local a proporcionar condições de envolvimento e participação por meio do acesso à informação (VENTURA, 2002; FERRY et al, 1989).

Ao mesmo tempo, existe um grande acesso às informações, com todo esse vasto leque de possibilidades, não nos tornamos sociedades melhores, no sentido de serem mais humanas, justas e solidárias. A fome, a extrema desigualdade na distribuição da renda gerando pobreza e miséria, o aumento dos conflitos, a violência urbana, a intolerância étnica, religiosa e de gênero, o desrespeito às questões ambientais, a desconsideração dos valores democráticos, o recrudescimento dos fundamentalismos de toda ordem, todos são fenômenos que evidenciam que, apesar de todo o acesso à informação, a humanidade não se tornou mais sábia ou solidária (BAUMAN, 2015). Há quem diga que nos tornamos sociedades da ignorância (GONÇAL MAYOS et al, 2011). Isso demonstra claramente que não basta o acesso, é preciso algo mais para que todo o conhecimento disponível efetivamente reverta para o benefício da humanidade, para a superação das condições estabelecidas e para uma efetiva emancipação dos sujeitos (CHAUÍ, 2006).

Durante muito tempo, e ainda hoje, propagou-se a ideia de que os sistemas automatizados de recuperação da informação, e particularmente os motores de busca na internet, possibilitariam um mundo em que os conhecimentos estariam acessíveis a um “clique” e o desenvolvimento das tecnologias bastaria por si, seria capaz de conduzir a uma sociedade mais justa e igualitária (MATTELART, 2002; WOLTON, 2009). Não foi o que aconteceu, e hoje é preciso estudar e refletir sobre as diversas ações e práticas das pessoas na produção, na circulação, no acesso e na apropriação da informação.

Um desafio recente, nesse sentido, é o fenômeno da pós-verdade. O conceito de pós-verdade surgiu na década de 1990 e foi considerado pelo Dicionário Oxford como a palavra do ano em 2016. Seu significado refere-se a uma situação em que fatos objetivos possuem menos influência na modelagem da opinião pública do que apenas emocionais e crenças pessoais (D'ANCONA, 2018). Sua ampla utilização se deu sobretudo com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, de Jair Bolsonaro no Brasil e com a saída da Grã-Bretanha da União Europeia (o chamado Brexit). O conceito não se relaciona especificamente com o fato de existirem mentiras - afinal, mentiras sempre existiram. A novidade trazida pelo conceito é que hoje, com as novas tecnologias e a internet, as pessoas possuem muito mais condições de checar a veracidade dos fatos apresentados na mídia ou nas redes sociais – elas podem, mas não querem, não têm interesse em fazer isso. É esse desinteresse pela verdade, o apego a preconceitos e fundamentalismos por parte de um grande contingente de pessoas que marca o fenômeno da pós-verdade, um elemento fundamental para se entender a realidade informacional contemporânea.

Outra questão importante que emergiu nas últimas duas décadas é o fim do chamado paradigma do balcão, isto é, um modelo de ação em que se pensa os sistemas de informação como lugares para atender a um cliente com uma necessidade de informação, que se dirigiria a eles. As pessoas no mundo atual, a partir das possibilidades trazidas pelas novas tecnologias, não querem apenas satisfazer uma necessidade de informação. Há, pois, uma nova condição dos sujeitos, que não querem ser apenas consulentes, isto é, pessoas precisando de uma informação, mas querem elas mesmas produzir conteúdos, disseminar e compartilhar conteúdos produzidos por outros, classificar e indexar conteúdos disponíveis na internet. Os dispositivos mais recentes permitem e potencializam essa dimensão (LOGAN, 2012). No ambiente da computação, essa mudança é caracterizada pelo esquema que define a *web 1.0* (a internet da busca, da recuperação da informação) e a *web 2.0* (a internet da conexão, do relacionamento entre pessoas, das interações, da sociabilidade). *Web 2.0* é uma noção formulada por Tim O'Reilly em 2004, que designa uma nova dimensão da internet caracterizada por uma arquitetura da participação e também por uma mudança na concepção de usuário que passa a ser visto também como autor, editor, organizador de informação (FURTADO, 2009).

Outro desafio atual é a necessidade de gerenciamento do patrimônio cultural. Existem no mundo digital diversos lugares e serviços, como por exemplo as redes sociais, que são empresas comerciais. Como tais, elas existem enquanto suas atividades dão retorno financeiro, e podem cessar a qualquer momento suas atividades. Quando isso acontece, muitas vezes não há atores institucionais responsáveis pela guarda de tudo aquilo que foi publicado e discutido nelas (PEREIRA, 2017). Estudos têm demonstrado a necessidade de existirem serviços e instituições atentos a isso (CARRERAS MONFORT, 2009), que preservem as discussões que a sociedade estabelece dentro delas, os conflitos de valores e visões de mundo de uma época (HALL, 2003). Afinal, discussões políticas, culturais, de valores de uma sociedade, acontecem nas redes sociais e precisam estar disponíveis para a posterioridade.

Diante desses novos desafios, as técnicas, as práticas e os modelos teóricos da ciência da informação hegemônica, anglo-saxã, mostram-se às vezes insuficientes. É justamente esse novo cenário informacional que suscita a construção de modelos teóricos e categorias de análise distintos. É nessa via que se desenha a legitimidade da reivindicação de uma ciência da informação ibero-americana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos tópicos anteriores deste artigo foram apresentadas a realidade da Ibero-América, do campo da ciência da informação e das questões informacionais contemporâneas. Ao se promover um cruzamento entre essas questões, começa a se desenhar um quadro no qual desenvolver teorias, modelos e categorias de pensamento alternativas, sintonizadas com os desafios contemporâneos, parece ser a principal contribuição de uma possível ciência da informação ibero-americana nas últimas décadas. Mas, para isso, se coloca hoje o desafio de efetivamente conhecer e sistematizar essa contribuição, bem como fazê-la conhecida no cenário internacional. Há, pois, ainda, um grande trabalho a ser realizado nos próximos anos, em torno da identificação, consolidação e produção de efetivos impactos de um pensamento informacional ibero-americano.

6. REFERÊNCIAS

- Adichie, C. (2018). *El peligro de la historia única*. Bogotá: Géminis.
- Alfaro López, H. G. (2010). *Estudios epistemológicos de bibliotecología*. México: UNAM/CUIB.
- Allier Montaño, E. (2010). *Batallas por la memoria*. Montevidéo: Trilce.
- Araújo, C. A. A. (2017). Teorias e tendências contemporâneas da ciência da informação. *Informação em Pauta*, 2, 2, 9-34. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20162/71589>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Araújo, C. A. Á. (2018b). *O que é ciência da informação*. Belo Horizonte KMA.
- Araújo, C. A. Á. (2018a). Existe um pensamento informacional ibero-americano? *Logeion: filosofia da informação*, 4, 2, 2018, p. 31-55. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4212/3637>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Aström, F. (2008). Formalizing a discipline: The institutionalization of library and information science research in the Nordic countries. *Journal of Documentation*, 64, 5, 721-737. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00220410810899736>.
- Barber, E. (2004). *Encuentros de educadores e investigadores en el área de Bibliotecología y Ciencia de la Información: panorama histórico*. Buenos Aires: DBCI/Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. Disponível em: www.edicic.org/textos/Panorama_Historico_Encuentros.doc. Acesso em: 20 maio 2018.
- Bauman, Z. (2015). *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Bawden, D.; Robinson, L. (2012). *Introduction to information science*. Londres: Facet Publishing.
- Blas Zabaleta, P. et al. (2000). *História común de Iberoamérica*. Madri: Edaf.
- Borges, M. M.; Sanz Casado, E. (Coords.). (2009). *A ciência da informação criadora de conhecimento*. v. 1. Coimbra: Universidade de Coimbra.

- Buckland, M.; Liu, Z. History of information science. In: Hanh, T.; Buckland, M. (Eds.). (1998). *Historical studies in information science*. Medford: Inf. Today, 159-170.
- Capurro, R. (2003). Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.
- Capurro, R. (2014). Pasado, presente y futuro de la noción de información. *LOGEION: Filosofia da informação*, 1, 1, 110-136.
- Capurro, R.; Hjørland, B. (2003). The Concept of Information. In: Cronin, B. (Ed.). *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), Medford, NJ: Information Today, 37, 343-411.
- Carrerasa Monfort, C. (Coord.). (2009). *Evaluación TIC en el patrimonio cultural: metodologías y estudio de casos*. Barcelona: UOC.
- Chauí, M. (2006). *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo.
- Córdoba González, S. (2010). La investigación en ciencias de la información en Costa Rica. In: Gorbea Portal, S. (Coord.). *Potencialidades de investigación y docencia iberoamericanas*. México: UNAM, 165-176.
- Cronin, B. (2008). The sociological turn in information Science. *Journal of Information Science*, 34, 4, 465-475.
- D'Ancona, M. (2018). *Pós-verdade*. Barueri: Faro.
- Dacheux, É. (Coord.). (2009). *Les sciences de l'information et de la communication*. Paris: CNRS.
- Díaz Nafría, J. M. (2010). What is information? A multidimensional concern. *TripleC*, 8, 1, 77-108. Disponível em: <https://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/76>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Fernández Molina, J. C.; Moya-Anegón, F. (2002). Perspectivas epistemológicas “humanas” en la documentación. *Revista Española de Documentación Científica*, 25, 3, 241-253.
- Ferrer, G. (1971). *Iberoamérica*. Zulia: Asociación de Escritores Venezolanos.
- Ferry, J.-M. et al. (1998). *El nuevo espacio público*. Barcelona: Gedisa.
- Floridi, L. (2011). *The philosophy of information*. Oxford: Oxford Univ. Press.
- Frías, J. A. (2008). La formación universitaria em información y documentación en España a las puertas del EEES: retos y oportunidades. In: Frías, J. A.; Travieso, C. (Eds.). *Formación, investigación y mercado laboral en información y documentación em España y Portugal*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 67-90.
- Furtado, C. (2009). Bibliotecas escolares e a web 2.0: revisão de literatura sobre Brasil e Portugal. *Em Questão*, 15, 2, 135-150.
- García Canclini, N. (2003). *Culturas da Iberoamérica: diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento*. São Paulo: Moderna.
- García Gutiérrez, A. (2008). *Outra memória é possível: estratégias descolonizadoras do arquivo mundial*. Petrópolis: Vozes.
- Gonçal Mayos, A. et al (Orgs.). (2011). *La sociedad de la ignorancia*. Barcelona: Península.
- González de Gómez, M. (2000). Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. *DataGramZero*, 1, 6.
- Gorbea Portal, S. (2000). El idioma en la generación y uso de la información: ¿un dilema para el nuevo siglo?. *Investigación Bibliotecológica*, 14, 28. Disponível em: <<http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/3931/3483>>. Acesso em: 14 maio 2018.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Unesco.

- Hernandez Quintana, A. R. (2007). Paradigmas dominantes y emergentes en la Bibliotecología y la Ciencia de la Información: continuidad y ruptura de la dinámica informacional. *ACIMED*, 16, 3. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1024-94352007000900002. Acesso em: 14 maio 2018.
- Hernandez Salazar, P. (2006). La investigación bibliotecológica en América Latina: análisis de su desarrollo. *Investig. bibl*, 20, 41, 107-140. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2006000200006. Acesso em: 25 maio 2018.
- Herrero Solana, V.; Liberatore, G. (2008). Visibilidad internacional de las revistas iberoamericanas de bibliotecología y documentación. *Rev. Esp. Doc. Cient.*, 31, 2, 230-239. Disponível em: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/viewFile/426/438>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Jaramillo, O.; Salazar Álvares, M.; Mercado, M. J. (2017). Perfil del profesor de Bibliotecología-Archivística Una mirada desde el contexto colombiano. *Inf., Cult. Soc.*, 37. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/3594/3611>. Acesso em: 24 maio 2018.
- Liberatore, G. (2006). La bibliotecología y documentación en Iberoamérica desde un enfoque empírico: una revisión de los principales estudios sobre la disciplina. *Rev. Hist. Comunic.*, 4, 7. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/11853/>. Acesso em: 14 maio 2018.
- Liberatore, G. (2011). Niveles de institucionalización de la bibliotecología y ciencia de la información en Argentina: una aproximación desde un enfoque empírico. *Persp. Gest. & Conh.*, 1, 1, 150-162. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/9802/5625>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Licea de Arenas, J. et al. (2000). Uma visão bibliométrica de la investigación em bibliotecología y ciencia de la información de América Latina y el Caribe. *Rev. Esp. Doc. Cient.*, 23, 1. Disponível em: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/viewFile/316/480>. Acesso em: 24 maio 2018.
- Linares Columbié, R. (2005). *Ciencia de la información: su historia y epistemología*. Bogotá: Rojas Eberhard.
- Linares Columbié, R.; Romero Quesada, M.; Fernández Hernández, S. (2016). La teoría y la interdisciplinarietà en la formación de profesionales de la información en Cuba. *Revista PRISMA.COM*, 31, 3-32. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/4562/4194>. Acesso em: 12 maio 2018.
- Logan, R. (2012). *Que é informação?* Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ.
- López Yepes, J.; Osuna Alarcón, M. R. (Coords.). (2011). *Manual de ciencias de la información y documentación*. Madrid: Pirámide.
- Loprete, C. (2000). *Iberoamérica: historia de su civilización y cultura*. Prentice Hall.
- Mancipe Flechas, E.; Lukomski, A. (2009). La ciencia de la información comprendida como un sistema de información y documentación: la aplicación del paradigma emergente. In: Borges, M. M.; Sanz Casado, E. *A ciência da informação criadora de conhecimento – volume 1*. Coimbra: Imprensa da Univ. de Coimbra, 191-201.
- Marteleteo, R. (2009). A pesquisa em ciência da informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 14, n. especial, 19-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a03v14nspe.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.
- Massiah, G. (2012). *Una estrategia altermundialista*. Montevideo: Trilce.
- Mattelart, A. (2002). *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola.
- Menéndez Echevarría, A. et al. (2015). Tendencias investigativas de la ciencia de la información y la bibliotecología en Iberoamérica y el Caribe. *BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació*, 35. Disponível em: <http://bid.ub.edu/es/35/menendez.htm>. Acesso em: 09 maio 2018.

- Mikhailov, A. I.; Chernyi, A. I.; Gilyarevskii, R. S. (1973). *Fundamentos de la informatika*. Havana: Academia de Ciencias de Cuba.
- Morales Campos, E. (2006). *Forjadores e impulsores de la bibliotecología latinoamericana*. México: UNAM/CUIB.
- Moya Anegón, F.; Herrero Solana, V. (2002). Visibilidad internacional de la producción científica iberoamericana en biblioteconomía y documentación (1991-2000). *Ci. Inf.*, 31, 3, 54-65. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_fb492fe6f0_0008374.pdf. Acesso em: 25 maio 2018.
- Ørom, A. (2000). Information Science, historical changes and social aspects: a Nordic outlook. *Journal of Documentation*, 56, 1, 12-26.
- Patalano, M. (2015). Perspectiva discursiva de la investigación en Bibliotecología y Ciencia de la Información. *Inf. Cult. Soc.*, 33, 11-28. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/29537/>>. Acesso em: 24 maio 2018.
- Pereira, J. M. (Ed.). (2017). *Comunicación, lenguajes, TIC e interculturalidad*. Bogotá: Ed. Universidad Javeriana.
- Pinto, M. M. (2008). Formação em informação e documentação: Portugal na contemporaneidade. In: Frías, J.A.; Travieso, C. (Eds.). *Formación, investigación y mercado laboral en Información y Documentación en España y Portugal*. Salamanca: Univ. de Salamanca.
- Pirela Morillo, J. (2010). Balance y perspectivas de la docencia y la investigación en ciencias bibliotecológica y de la información en Venezuela. Caso: Universidad del Zulia. In: Gorbea Portal, S. (Coord.). *Potencialidades de investigación y docencia iberoamericanas*. México: UNAM, 441-464.
- Ramos, H.; Winter, L. (Coords.). (2007). *Ibero-América: os desafios da integração da América Latina e sua inserção no sistema internacional*. Curitiba: Juruá.
- Rayward, B. (1983). Library and information sciences. In: Machlup, F.; Mansfield, U. (Eds.). *The study of information: interdisciplinar messages*. Nova Iorque: Wiley, 343-363.
- Rendón Giraldo, N. E. (1996). INFOBILA: base de datos sobre la información bibliotecológica latinoamericana. *Rev. Interam. Bibliot.*, 19, 1. Disponível em: <https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/330070/20786365>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Rendón Rojas, M. A. (Coord.). (2013). *El objeto de estudio de la Bibliotecología/ Documentación/ Ciencia de la Información*. Propuestas, discusión, análisis y elementos comunes. México: UNAM/IIBI.
- Ribeiro, F. (2010). A Formação dos profissionais da informação em Portugal: percurso evolutivo e perspectivas actuais. In: Gorbea Portal, S. (Coord.). *Potencialidades de investigación y docencia ibero-americanas en ciencias bibliotecológica y de la información: memoria*. México: UNAM/CUIB, 279-294.
- Ríos Ortega, J.; Ramírez Velásquez, C.A. (Coords.). (2015). *La información: perspectivas bibliotecológicas y distinciones interdisciplinarias*. México: UNAM/IIBI.
- Rubin, R. (1998). *Foundations of library and information science*. Nova Iorque: Neal-Schuman.
- Sabelli, M. (2008). La investigación en las ciencias bibliotecológicas y de información en Uruguay: construyendo una concepción integradora de la investigación, la enseñanza y la extensión universitaria. *Informatio*, 11-13, 39-62. Disponível em: <http://informatio.eubca.edu.uy/ojs/index.php/Infor/article/view/80/146>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Salaün, J.-M.; Arsenault, C. (2009). *Introduction aux sciences de l'information*. Montreal: Presses de l'Université de Montréal.

- Sánchez Perdomo, R. et al. (2017). Revisión bibliométrica de las ciencias de la información en América Latina y el Caribe. *Investigación Bibliotecológica*, n. esp., 79-100. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/57886>. Acesso em: 12 maio 2018.
- Sanz Casado, E.; Lascurain Sánchez, M.L. (2010). Diagnóstico sobre la docencia e investigación en Ciencias de la Documentación en España. In: In: Gorbea Portal, S. (Coord.). *Potencialidades de investigación y docencia ibero-americanas en ciencias bibliotecológica y de la información*: memoria. México: UNAM/CUIB. Disponível em: http://iibi.unam.mx/publicaciones/229/potencialidades_investigacion_elias_sanz_casado.html. Acesso em: 24 maio 2018.
- Saracevic, T. (1970). *Introduction to information science*. Nova Iorque: Bowker.
- Saracevic, T. (1999). Information science. *Journal of the American Society for Information Science*, 50, 12, 1051-1063.
- Shera, J.; Cleveland, D. (1977). History and foundations of information science. In: Williams, M. (Ed.) *Annual Review of Information Science and Technology*, 12. White Plains: Knowledge Industries Publications, 249-275.
- Silva, A., Ribeiro, F. (2002). *Das “ciências” documentais à ciência da informação*: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Afrontamento.
- Souza, R.; Stumpf, I. (2009). Ciência da informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da pós-graduação no Brasil. *Persp. Ci. Inf.*, 14, n. esp., 41-58. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/901>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Stock, W.; Stock, M. (2013). *Handbook of information science*. Berlim: De Gruyter.
- Ventura, J. (2002). *Bibliotecas e esfera pública*. Oeiras: Celta.
- Virno, P. (2016). *Gramática de la multitud*. Madri: Traficantes de sueños.
- Wersig, G. (1980). Towards information science in the Federal Republic of Germany. *Journal of Information Science*, 2, 3-4, 193-195.
- Wolton, D. (2010). *Informar no es comunicar*. Barcelona: Gedisa.
- Zeballos, I.; Arcella, E.; Bizzotto, M. (2015). *Décimo Encuentro de Directores y Noveno de Docentes de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de la Información del Mercosur*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional. Disponível em: https://www.bn.gov.ar/micrositios/admin_assets/issues/files/540d8abd5bd6806df6a41618e1b88729.pdf. Acesso em: 24 maio 2018.
- Zins, C. (2011). Redefinindo a ciência da informação: da “ciência da informação” para a “ciência do conhecimento”. *Informação & Sociedade: Estudos*, 21, 3, 155-167. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/11901/7003>. Acesso em: 25 maio 2018.
- Zoia Rivera, C. (2016). *Información y sociedad*. Havana: Félix Varela.